

VIII Conferência Nacional da UDP: “Dez teses sobre a UDP e o Bloco no tempo das Tendências”

A VIII Conferência Nacional da UDP, reunida em Almada, 7 e 8 de dezembro de 2013, aprovou as “Dez teses sobre a UDP e o Bloco no tempo das Tendências” e a tese “Povos da Europa Unidos contra a austeridade”.

Dez teses sobre a UDP e o Bloco no tempo das tendências

1. Vivemos um tempo novo no Bloco de Esquerda. Não é apenas um novo ciclo Político dominado pelo memorando da troika, pela duríssima austeridade e pela maior ofensiva de sempre contra o regime social e constitucional de Abril, para o qual o Bloco tem de encontrar as melhores respostas e o discurso mais claro.

¶ Também internamente o Bloco está a entrar numa nova fase, em que a articulação maioritária entre as correntes fundadoras e muitas pessoas fora dessas correntes deu lugar a novas relações de forças e a novas regras de organização democrática da sua pluralidade genética.

¶ Este ciclo, com origem na fase de preparação da VIII Convenção e no processo de transição da liderança, consolidou-se com o lançamento da Plataforma Socialismo, apresentada inicialmente como projeto de “corrente única” ou “hegemónica”, cujo manifesto considerava esgotado e encerrado o percurso das correntes originais e afirmava a pretensão de as superar.

2. O repto de formação de uma corrente única foi lançado publicamente pelos promotores da Plataforma Socialismo em forma de ultimato e sem contacto prévio com a UDP. Com o objetivo de analisar, debater e responder a este desafio, a UDP convocou uma Conferência Extraordinária, realizada em Fevereiro de 2013, cuja resolução final afirmava que:

“Os contributos políticos e ideológicos da UDP não são insuperáveis, mas não estão superados”.

E conclui-a, na parte resolutiva:

“O repto desta Conferência é que os aderentes da UDP participem livremente em qualquer plataforma política que dê continuidade e aprofunde a Moção A e que a UDP prossiga na sua tarefa, indispensável para o Bloco de Esquerda, a sua existência e a sua identidade”.

¶ Os militantes da UDP escolheram manter a associação enquanto corrente de pensamento marxista e afirmar a liberdade de cada um dos seus aderentes para se organizar em qualquer forma que surgisse no espaço da Moção A. A UDP pronunciou-se então pela compatibilidade entre a pertença a um espaço ideológico e a uma plataforma política, formas de organização interna com fins e tarefas distintas. Concluiu-se que o compromisso da UDP com a Moção A poderia

passar pela construção conjunta de uma tendência que respeitasse a expressão organizada da pluralidade interna.

3. Logo após a Conferência, os promotores da Plataforma Socialismo tornaram clara a recusa da participação de aderentes da UDP “ AP na Plataforma, posição consagrada em Junho de 2013 no Regulamento interno da entidade chamada

Tendência
Socialismo (TS), ponto 4:

“São membros da TS os/as
militantes do Bloco de Esquerda que subscrevam a sua plataforma política, não
integrando outra tendência ou corrente que intervenha no espaço político do
Bloco de Esquerda”

“ Esta condição aplica-se não só aos aderentes da UDP “ AP, mas a todas
as correntes, fundadoras ou não, presentes ou futuras, no seio do Bloco.

4. Com a formalização da Tendência Socialismo, foi a primeira vez que uma
plataforma se constituiu no Bloco ao abrigo do direito de tendência,
submetendo-se ao seu estatuto próprio. Esta realidade conferiu à TS uma legitimidade
interna diferente das correntes existentes, e consagrou uma nova fase no
Bloco de Esquerda.

“ Este tempo novo bloquista não é uma
escolha da UDP, é um facto: caminhamos para um partido de tendências
organizadas, abertas, que disputam o espaço interno do partido. Este quadro não
se afigura melhor nem pior do que o anterior: é diferente, mas não original no
panorama da esquerda europeia e internacional. E, tal como o esquema fundador
do equilíbrio de correntes, também o modelo das tendências acarreta riscos; na
medida em que, nas décadas 60 e 70 do século passado, a cristalização de
tendências facilitou a fragmentação de partidos de esquerda, na medida em que a
formalização de tendências pode conduzir ao seu enquistamento, enfraquecendo o
espaço de debate nas organizações do Bloco.

5. A 8.ª Conferência da UDP é chamada a apreciar e a pronunciar-se sobre
este novo quadro bloquista, no qual não será difícil conjecturar diferentes
arranjos, novas configurações e alianças entre correntes e/ou
tendências.

6. Ao longo de mais
de uma década, o Bloco soube superar os desafios quotidianos do debate e da
convivência democrática, criando espaços de compromisso. No futuro será de
evitar a cristalização de opiniões entre e dentro das tendências e/ou
sensibilidades. Os aderentes da UDP empenhar-se-ão em que a existência de
tendências, e/ou sensibilidades organizadas não distorça, antes expresse em
novos moldes o pluralismo genético do Bloco, apanhamento de uma esquerda
alternativa, e a intensidade da sua democracia interna. Para tal, serão
necessárias, entre outras, medidas que, antes de mais, deem voz aos aderentes
do Bloco não filiados em tendências e/ou correntes, e se fomente a intervenção
e a decisão política da globalidade do BE. Nesse sentido, tem relevância o grau
de abertura que mostrem os aderentes das tendências e/ou correntes, quaisquer
que elas sejam.

7.

Os espaĂos prĂprios e comuns do Bloco nĂo sĂo apropriĂveis por nenhuma tendĂncia e/ou sensibilidade. Toda a prioridade da vida do nosso partido polĂtico tem de ser dada ao funcionamento democrĂtico dos nĂcleos e coordenadoras, a todos os nĂveis. As tendĂncias e/ou sensibilidades podem e devem contribuir para os debates, mas nenhum(a) bloquista se pode sentir excluĂdo ou condicionado pela pertĂnĂa (ou nĂo) a qualquer tendĂncia e/ou sensibilidades. O reforĂo da participaĂĂo individual e da iniciativa de cada aderente Ă indispensĂvel para prosseguir o nosso o objetivo principal e comum: construir Bloco como partido de massas e forĂa autĂnoma na esquerda.

8. No atual panorama bloquista hĂ, naturalmente, muito espaĂo para alĂm da Ănica tendĂncia atĂ agora formalizada. Temos consciĂncia de que, tal como outros bloquistas, os aderentes da UDP nĂo quererĂo ficar de fora desta nova fase da organizaĂĂo interna do bloco e do desafio lanĂado para o debate democrĂtico.

Assim, no sentido do debate feito pela ConferĂncia anterior, a 8.Ă ConferĂncia da UDP Ă AP valoriza a participaĂĂo individual e livre dos seus aderentes em eventuais tendĂncias a constituir no espaĂo polĂtico do Bloco de Esquerda, assim a sua formaĂĂo nĂo colida com o ideĂrio e com a filiaĂĂo na UDP Ă AP.

9. A UDP nĂo desiste nem se transmuta em qualquer tendĂncia do Bloco de Esquerda, nem Ăhe cabe apoiar organizadamente quaisquer tendĂncias que nele se venham a constituir. Essa seria uma visĂo redutora, nĂo sĂ do carĂcter amplo dos espaĂos internos bloquistas, mas tambĂm do papel e das tarefas duma corrente comunista.

10. A UDP Ă AP vai prosseguir na sua tarefa, indispensĂvel para o Bloco de Esquerda: a sua existĂncia e a sua identidade prĂpria de corrente comunista, que promove o resgate, o aprofundamento e atualizaĂĂo permanentes do marxismo, atravĂs da revista Ă ComunaĂ e de outros instrumentos de divulgaĂĂo.

Ă A Comuna precisa de um novo impulso atravĂs da componente formativa e de debate. Uma nova periodicidade para as publicaĂĂes e a sua articulaĂĂo com momentos de encontro reforĂarĂ o papel da revista como instrumento da luta teĂrica e ideolĂgica.

Ă A atualizaĂĂo das teses sobre o imperialismo, a crise do capitalismo, a revoluĂĂo, o Estado de direito socialista e o pensamento marxista sobre as vĂrias contradiĂĂes sociais e as lutas emancipatĂrias sĂo tarefas coletivas a prosseguir.

A atualizaĂĂo e divulgaĂĂo do marxismo, em tempo de crise do sistema polĂtico e econĂmico, Ă uma tarefa perante a qual os comunistas organizados na UDP sĂ podem responder: presente!Ă